

ALIMENTAÇÃO E CULTURA: UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES NO HABITUS ALIMENTAR NA COMUNIDADE NOVA UNIÃO NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA – AM

Patrícia de Carvalho Vieira¹
Charlene Muniz da Silva²

RESUMO

A Amazônia caracterizar-se por possui uma exuberante riqueza natural, o que a torna hoje um palco de grande ambição de fins lucrativos e econômicos e ao mesmo tempo a luta pela sua conservação ou desenvolvimento sustentável. O que também chama atenção para a região Amazônica são as populações nativas e os seu *modos* alimentares. Com enfoque para alimentação dessas comunidades tradicionais, a Amazônia possui poucos estudos a respeito dos hábitos alimentares. Os objetivos do presente estudo é destacar a importância da valorização da identidade indígena Sateré – Mawé, por meio de sua gastronomia, enfocando suas correlações com a identificação dos principais itens tradicionais da gastronomia Sateré, e sua importância na identidade cultural; apresentar as principais modificações nos *hábitus* alimentares dos Sateré – Mawé; e refletir sobre a importância dos hábitos alimentares tradicionais Sateré para reafirmação identitária e valorização dos conhecimentos tradicionais. O referente estudo realizou-se na perspectiva da pesquisa qualitativa. Os dados coletados foram através da observação participativa e com a realização de entrevistas semiestruturadas feitas com responsáveis de 09 famílias da comunidade Nova União do rio Andirá do município de Barreirinha. Tendo a contribuição do método dialético, pois ele fornece uma base de interpretação dinâmica e totalizante da realidade. A análise dos dados deu-se a partir da codificação e categorização das informações, procedendo-se a análise descritiva, teórica e interpretativa de conteúdo. Os resultados demonstram às transformações que os Sateré-Mawé sofreram em seu *habitus* alimentares, que vai desde o uso de técnicas como o uso do timbó para a pesca e a maneira de se fazer roça, ao aspecto econômico e político, com a ação do governo no que diz respeito à demarcação de terras limitando suas condições de vidas e atividades como a caça e a pesca, e ao assistencialismo por meio de benefícios sociais, como a aposentadoria e bolsa família, favorecendo outras condições de consumo alimentar como os de alimentos industrializados. Ressaltando também o papel da religião destacando aqui à que predomina na área de estudo, a religião Adventista que impõem certos tabus para o consumo de alguns alimentos. Assim como a educação que é imposta para os Mawé, pois ela não dá suporte e nem valoriza sua própria cultura. Em conclusão, evidenciou-se que alimentação dos Sateré-Mawé é, em sua maior parte, de alimentos industrializados, tornando os alimentos que eram tradicionalmente consumidos, como segunda opção, esse processo é o resultado de várias transformações que os Sateré-Mawé sofreram, dentre eles o político, econômico, religioso e cultural.

Palavras-chaves: *Habitus*- alimentar. Cultura, Sateré-Mawé.

¹Graduanda do curso de licenciatura em Geografia-CESP/UEA. E-mail: patricia.waikiru76@gmail.com

²Professora/Dr^a. Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP/UEA. E-mail: charlenemds@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa intitulada: Alimentação e cultura: Um estudo das transformações nos *habitus* alimentares na comunidade Nova União no município de Barreirinha. Foi realizado um estudo qualitativo, sendo caracterizado de acordo com sua natureza, os dados foram adquiridos através de minhas observações em visitas que realizo há quase três anos a terra indígena Andirá, e principalmente o que foi de extrema importância para a coleta de dados, as entrevistas - semi estruturada, realizada na área delimitada deste trabalho, a comunidade Nova União. A comunidade possui 18 famílias e foram entrevistados 09 responsáveis de cada família. E com uso dessas técnicas pôde-se ter maior compreensão no que diz respeito ao modo alimentar do povo Sateré-Mawé.

A metodologia como parte integrante de qualquer pesquisa se configura nos passos por onde o pesquisador deve trilhar para orientar a condução da investigação do trabalho acadêmico científico. A pesquisa foi realizada, dentro da linha e método de abordagem Dialético, O método Dialético fornece uma base de interpretação dinâmica e totalizante de realidade, onde estabelece que os fatos sociais não possam entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas e culturais, Como aborda Gil (1999).

Trata-se de um estudo que procurou compreender as nuances que envolvem as transformações ocorridas nos modos alimentares dos Sateré-Mawé desde os seus aspectos econômicos, político, religioso e cultural. Para entender e compreender essas transformações e o contexto histórico cultural do povo Sateré-Mawé, o trabalho recorda aquilo que é preconizado e defendido por autores, Nunes Pereira (2003), Lorenz (1992), quanto ao contexto histórico dos Sateré-Mawé, como organização social, língua, contanto e conflitos com os brancos e demarcação de território;Uggé (1986); aborda a educação dos Sateré, Mauricio Leite (2007); aborda sobre alimentação, Jocilene Cruz (2015) sobre organização político-cultural, Cristina Costa (1997); enfatiza sobre cultura, Milton Santos (2001) meio técnico- científico – informacional, entre outros. E para socializar e contextualizar essas seguintes questões, o referente trabalho está dividido em quatro tópicos principais

O primeiro tópico apresenta-se o contexto histórico dos Sateré – Mawé, desde sua língua, seu nome, sua organização social e cultural.

O segundo tópico apresenta o conceito de cultura e discute-se sobre os conhecimentos tradicionais, em que vale ressalta a importância e a preservação desses conhecimentos sem que haja a expropriação deles por parte do pesquisador.

O terceiro tópico apontará as principais transformações responsáveis pelas alterações nos hábitos alimentares em que os aspectos econômicos e políticos andam junto, e o governo agi como o principal responsável, faz-se uma discussão sobre demarcação de território, pois esse processo resultou para os Saté-Mawé a limitação de seu modo de vida, e o modo de alimentar-se, tornando-se prisioneiros das terras que antes eram suas. O aspecto cultural, quando os próprios Sateré usavam técnicas inadequadas para tais atividades, como a utilização do timbó para pescar e a forma de fazer roça. E o aspecto religioso que impõe tabu nas manifestações culturais, como a proibição de alguns alimentos que há muito tempo são consumidos pelos Sateré-Mawé. E o papel da educação no âmbito cultural.

O quarto tópico abordará sobre o consumo alimentar da comunidade Nova União, área de estudo onde realizou-se a pesquisa, neste tópico são identificados os alimentos típicos, a forma de se preparar os alimentos que hoje já não fazem parte do cardápio dos Sateré. Enfim trata-se de uma interpretação e análise dos dados obtidos durante a pesquisa.

A conclusão configura-se como o ultimo tópico no qual são apresentadas as análises sobre a temática em evidência, e sugestões para a reflexão sobre a importância dos *habitus* alimentares tradicionais Sateré e para reafirmação identitária e valorização dos conhecimentos tradicionais.

2. OS SATERÉ-MAWÉ: CONTEXTO SOCIOCULTURAL

A Amazônia é dona da maior sociobiodiversidade do planeta, representada por duzentos grupos étnicos que se expressam em cento e setenta línguas e possuem um valioso patrimônio natural composto de produtos regionais como plantas comestíveis e medicinais, frutos, flores, casca de árvores, seivas, raízes, e outros (ALENCAR et al, 2007).

Com base nos dados divulgados pelo Censo Demográfico produzido pelo IBGE (2010) habitam a T.I Andirá-Marau cerca de 11.060 Sateré-Mawé. E segundo a entidade maior dos Sateré-Mawé (CGTSM) Conselho Geral da Tribo Sateré-Mawé, são de 13.350 Sateré-Mawé, referente aos dados de 2014.

Para entender e compreender a atual situação dos hábitos alimentares do povo Mawé, em especial na área de estudo, a comunidade Nova União, primeiramente deve-se conhecer o contexto histórico desse grupo étnico Sateré-Mawé.

2.1. LÍNGUA MATERNA E DENOMINAÇÃO DO NOME

Os Sateré-Mawé pertencem á família lingüística Tupi, habitavam tradicionalmente a zona do médio Amazonas, na região cortada pelos rios Maués Açu, Marau, Andirá e Tapajós. Na atualidade, concentram-se na Terra Indígena Andirá-Marau, localizada no médio Amazonas (ALVAREZ, p.78).

Segundo o etnógrafo Curt Nimuendaju (1948), ela difere do Guaraní – Tupinambá. Os pronomes concordam perfeitamente com a língua Curuaya-Munduruku, e a gramática, ao que indica, é Tupi. O vocabulário Mawé contém elementos completamente estranhos ao Tupi, mas não pode ser relacionado a nenhuma outra família lingüística. Desde o século XVIII, seu repertório incorporou numerosas palavras da língua geral.

A respeito do nome. Autodenominaram-se Sateré-Mawé. O primeiro nome – Sateré – quer dizer “lagarta de fogo”, referência ao clã mais importante dentre ao que compõem esta sociedade, aquele que indica tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos. O segundo nome – Mawé – quer dizer “papagaio inteligente e curioso” e não é designada clânica (Alvarez, 2005).

De acordo com relato do pedagogo e intelectual indígena Sateré-Mawé, Jesiel Santos dos Santos, o significado do nome Mawé, significa algo como “homem valente”, e não o que durante muito tempo foi sustentado;

“Durante muito tempo, os líderes Sateré-Mawé, de contato com a sociedade não-indígena foram sustentando que Mawé significasse “papagaio inteligente e curioso”, ao ponto que a maioria dos jovens da etnia hoje acredita que seja esse mesmo o significado. Mas hoje os velhos admitem que foi uma forma de se proteger, fazendo acreditar “aos brancos” que eles era mansos, não perigosos, e não mereciam ser perseguidos”. (Jesiel Santos dos Santos, pedagogo indígena).

Relatos dos “nagnia”, os velhos sábios, antes de serem reconhecidos com o nome Sateré-Mawé, eles receberam outros nomes. E com base nos estudos de Nunes: Ao longo de sua história, já receberam vários tipos de nomes, dados por cronistas, desbravadores dos sertões, missionários e naturalistas: Mavoz, Malrié, Mangnês, Jaquezes, Magnazes, Magnés, Mauris, Mawés, Maragná, Mahué, Magnesés, Orapium (NUNES, 2003).

E hoje são conhecidos como Sateré-Mawé, antes se pronunciava “Maué”, o termo mais comum de um dos grupos tribais que conseguiram sobreviver à extinção das numerosas tribos indígenas da ilha Tupinambarana do baixo Amazonas.

2.2 CONTATO COM O HOMEM BRANCO

Quando se fala do contato dos indígenas com a civilização, nos relembra o massacre dos colonos com esses povos, como exploração, escravidão, expropriação de suas terras, doenças sem diagnóstico, pois eram desconhecidas e principalmente as modificações no âmbito cultural.

Segundo Lima: O índio na história do Brasil é sempre retratado pela ótica do evolucionismo cultural e, por isso, é colocado em estágio inferior/atrasado. Com isso, legitimase a agressão européia ressaltando o caráter progressista do colonizador (LIMA, 2003, p.74).

Costa continua questionando sobre a invasão dos colonos em território brasileiro, mencionando a posição dos indígenas e negros, frente ao processo de colonização, pela própria sociedade.

[...] Entretanto, quando se trata de revelar memórias sobre a nossa historicidade, o indígena é o primeiro elemento a ser negado. [...] se analisarmos a história sob uma outra perspectiva, poderemos repensar essa atitude renegadora, que, perversamente, reitera a exclusão do índio e do negro como componentes identitários de nossa formação física e cultural. (LIMA, 2007, p.55)

Os Sateré-Mawé tiveram contato com a sociedade nacional da mesma forma que outros grupos étnicos do interior do Brasil, pelas armas, pela religião e pela exploração econômica. Os dados mais antigos remontam a 1669, com a instalação da missão jesuítica Tupinambarana. Em 1698, foram criadas as missões dos rios Andirá e Maué Açu (ROMANO, 1982).

Essa aproximação trouxe inúmeros conflitos, doenças, e redução de seus territórios. E as consequências desse contato ou aproximação com os brancos resultaram principalmente na perda de identidade. Hoje eles não são exterminados diretamente pela arma com a morte e massacre de muitos índios, e sim esse massacre vêm camuflado pela ação da religião e a educação quanto a perda de identidade.

3. CULTURA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

Segundo Costa, cultura é o conjunto das necessidades e modo de agir, do conhecimento organizado, comunicado e compartilhado, ela também sofre mudanças ou adaptações nesse contexto social atual. No que refere à autora:

Uma vez que cada cultura tem suas próprias raízes, seus próprios significados e características, todas elas são qualitativamente comparáveis. Enquanto culturas, todas são igualmente simbólicas, fruto da capacidade criadora do homem e adaptadas a uma vida comum em determinado espaço e tempo nesse contínuo recriar, compartilhar e

transmitir a experiência vivida e aprendida [...] Assim, se por um lado as culturas humanas tendem à ritualização e à repetição, amparadas na tradição e no aprendizado, por outro elas apresentam a possibilidade de mudança e adaptação (COSTA, 1997 p.3).

Cultura não é algo que não pode ser reinventada, ela pode sofrer alterações, pois o homem está em constante transformação, e os seus conhecimentos também sofrerá transformação.

Com o alerta de proteger os conhecimentos tradicionais, Fernanda menciona por que é importante discutir formas de proteger esses conhecimentos tradicionais ou milenares. Segundo (Jófej, et al, 2006).

“Porque está em andamento um processo crescente de valorização, utilização indevida e da expropriação desses saberes sem que os Povos e Sociedades que detêm esses conhecimentos tenham oportunidade de negar o acesso aos conhecimentos tradicionais ou de exigir a justa e equitativa repartição dos benefícios derivados do acesso”.

A respeito dos conhecimentos tradicionais dos Sateré-Mawé, na última assembléia, que ocorreu nos 12 e 13 de Junho de 2015 foi questionado pelos tuxauas da Terra Indígena, Andirá/Marau, a preocupação em se preservar tais conhecimentos, ou seja, não permitindo, mas o acesso deles as estudantes ou pesquisadores, e até mesmo aos próprios jovens Sateré. Devido à expropriação desses conhecimentos e não retorno dos estudos para o povo, pois pesquisadores não retornam com os resultados.

Mais o que está sendo propostos pelos tuxauas em si preservar esses conhecimentos devido à expropriação deles pelos pesquisadores, resultará em outro problema a perda de identidade, pois uma das medidas tomadas por eles é o não acesso desses saberes para os próprios jovens indígenas, e essa questão deve ser bem analisada e refletida, pois são conhecimentos que devem ser compartilhados para as futuras gerações e para valorização da própria identidade cultural.

Mas vale ressaltar que os próprios jovens indígenas não têm a preocupação em dá seguimentos em aprender os saberes tradicionais, assim relata um Sateré; “*Os velhinhos estão morrendo e levando os saberes tradicionais; há uma crescente desvalorização dos tratamentos e curas tradicionais*”. Ou seja, os velhos sábios não transmitem esses saberes por que há poucos interessados em ouvi-los para aprender o que eles sabem. Um exemplo dessa desvalorização de conhecimentos foi o que aconteceu com o *Poratim*, a bíblia sagradas dos Mawé, os mais velhos

não transmitiam aos, mais jovens resultando hoje na perda desse símbolo cultural, pois não se sabe, mas interpretá-la.

Esses são fatos relevantes que acontecem nos dias de hoje com os Sateré-Mawé. O que deve acontecer por parte dos pesquisadores e estudantes é a responsabilidade com a população que se estuda, não só com os Sateré, mas com todos de modo geral. Compartilhando e relacionando com os povos indígenas os estudos realizados com os mesmo, para que através desse relacionamento pesquisador/população estudada possam acontecer possíveis soluções para os problemas existentes nessa população. E com ação participativa ambos possam elaborar políticas e programas que possivelmente solucione ou minimize às suas necessidades e que reflitam sobre seus direitos, considerando-se em particular suas culturas e línguas.

3.1 MAWÉ OS FILHOS DO GUARANÁ (WARANÁ)

Os Sateré-Mawé culturalmente são considerados filhos do guaraná ou Waraná. Essa planta tem uma função muito importante no contexto histórico cultural e para o futuro desse povo. Como aborda Sônia Lorenz: Através dessa planta (*paullinia cupana sorbilis*), guaraná na adaptação linguística do português, os Sateré-Mawé pensam e atuam o relacionamento deles com a sociedade não indígena, com o passado e com o futuro. I - Waraná significa: início de todo conhecimento (Wará). II - Os Sateré-Mawé sempre se apresentaram para o mundo como “filhos do Waraná”. III – A ideia do “desenvolvimento” socioeconômico para os Sateré-Mawé está estreitamente ligada à ideia do “desenvolvimento” da semente do Guaraná. (LORENZ, 1992)

Padre João Felipe Betendorf descreveu, em 1669, que:

“Tem os Antirazes em seus matos uma frutinha que chamam guaraná, a qual secam e depois pisam, fazendo dela umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando, e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo os índios á caça, um dia até o outro não tem fome, além do que faz urinar, tira febres e dores de cabeça e câibras”.

Quando acontecem reuniões, assembleias ou qualquer tipo de conversa, no início é oferecido essa bebida, pois acreditam que dá inteligência e sabedoria. Ela é tomada sempre em número par. Seu preparo segue uma série de práticas, e é preparada pelas mulheres da aldeia. Descrita por Anthony Henman:

“Essas práticas são essencialmente as mesmas em todas as circunstâncias, tanto se o çapó for preparado para o currículo familiar mais íntimo, ou para um encontro de todos os homens adultos durante uma festa ou reunião política. Cabe á mulher do anfitrião ralar o guaraná, operação feita com uma língua de pirarucu ou uma pedra lisa e quadrada de basalto”.

Culturalmente o bastão de guaraná é ralado com a pedra de basalto. E o, mas interessante é que a mulher ao ralar o bastão para o preparo do çapó, ela deve está bem consigo mesma, pois se ela estiver com raiva ou preocupada acredita-se que essa energia negativa será passada para a bebida.

4. TRANSFORMAÇÕES NOS *HABITUS* ALIMENTAR DOS SATERÉ-MAWÉ

As transformações no modo de alimentação dos Sateré são conseqüências de longos processos históricos, pois o ser humano não está neutro no mundo, como afirma o teórico: “Entretanto não se deve esquecer, que a cultura alimentar é constituída pelos hábitos alimentares em um domínio do qual a tradição e a inovação têm a mesma importância”. (Braga, 2004).

Em relação às transformações, sofrida por esse e demais grupos étnicos, destaco aqui o que Milton Santos, e outros autores abordam sobre o meio natural ao meio técnico- científico – informacional: Grupos étnicos diferentes, num desenvolvimento endógeno, criaram objetos dotados de eventual semelhança com técnicas de outros povos. Tratava-se talvez daquilo que André Leroi-Gourhan (1945) chamou de universalidade das técnicas, nascida espontaneamente em lugares diferentes, e - não de difusão técnica devida a contatos – a lei da imitação de Gabriel Tarde (1921) -, pois a maior parte das tribos vivia isolada (Santos 2001).

Com a intensificação da globalização na década de 1960, resultou na fluidez de mercadorias. E com isso comunidades indígenas perdem cada vez mais sua autonomia na produção de alimentos e ficam cada vez mais dependentes de assistencialismo do governo.

Fatos que foi observado na comunidade Nova União, e que pode ser estendido as outras comunidades do rio Andirá. Nos dias atuais as crianças não querem mais comer a batata doce, macaxeira, o mingau de crueira, a tapiquinha, ou seja, as comidas tradicionais o que querem é o alimento industrializado, hoje no café da manhã essas refeições são substituídas por pão, bolacha, rosca, entre outros. Essas mudanças são recorrente devido ao acesso que elas têm ao

meio de comunicação, ou seja, com maior influência a televisão, a qual tem o papel de persuadir principalmente as crianças, fazendo com elas tem o desejo em consumir de certos alimentos industrializados que muitas vezes trazem uma péssima.

São vários os fatores que contribuíram hoje os Sateré alterassem seus modos alimentares como o desaparecimento e escassez de alimentos das terras indígenas Andirá - Marau. No depoimento de um morador da aldeia do rio Andirá ele questiona resumidamente os processos que ocorreram para tais alterações em sua alimentação e para sua forma de vida;

“Antigamente, tinha muita caça e pesca os Sateré-Mawé não precisavam das coisas dos brancos. Depois veio o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para controlar os índios e tomou conta do território. Quando os Sateré conseguiram de volta suas terras, chegou a ELF para fazer explorações de petróleo. Então os brancos abriram picadas na floresta e detonaram dinamites dentro de poços. As explosões espantaram a caça. O Sateré então aprendeu a pescar com dinamite na água. No princípio, saiam muitos peixes, mas, com o tempo, o peixe também acabou. Hoje, na terra indígena dos Sateré-Mawé tem pouca caça e pouca pesca. As aldeias estão muito próximas umas das outras. Quando um caçador sai a procura sua caça e se mete no mato, pronto, chega até outra aldeia”. (Antônio Ferreira Miquiles, Tuxaua Geral, aposentado).

Esse relato menciona tudo o que aconteceu com os Sateré-Mawé, e justifica e explica porque hoje a uma grande escassez de alimentos como a caça e espécies de peixes nas T.I Andirá/Marau e ocasionou mudanças em seus hábitos alimentares. Ressaltando também como o índio ver a forma que políticas indigenistas são posta para eles, fazendo com que se sintam controlados para viver em suas próprias terras, além de sofrerem explorações que conseqüentemente resultou em grandes desmatamentos e a falta de respeito com suas terras. Como afirma a autora, “a invasão da terra onde viviam por parte da empresa publica francesa ElfAquitaine, realizando prospecções em busca de petróleo, durante a ditadura militar, os obrigou mais uma vez a se unir na resistência” (Lorenz,1992).

4.1 DEMARCAÇÃO DA T.I ANDIRÁ/MARAU

No final a década de 70, foi iniciado o processo de demarcação do território Sateré-Mawé. (**Figura 01**) A Terra Indígena Andirá-Marau, foi homologada em 1986, com 788.528 hectares distribuídos nos municípios de Parintins, Barreirinha, Maués no Amazonas e; Itaituba e Aveiro no estado do Pará. (Lorenz, 1992)

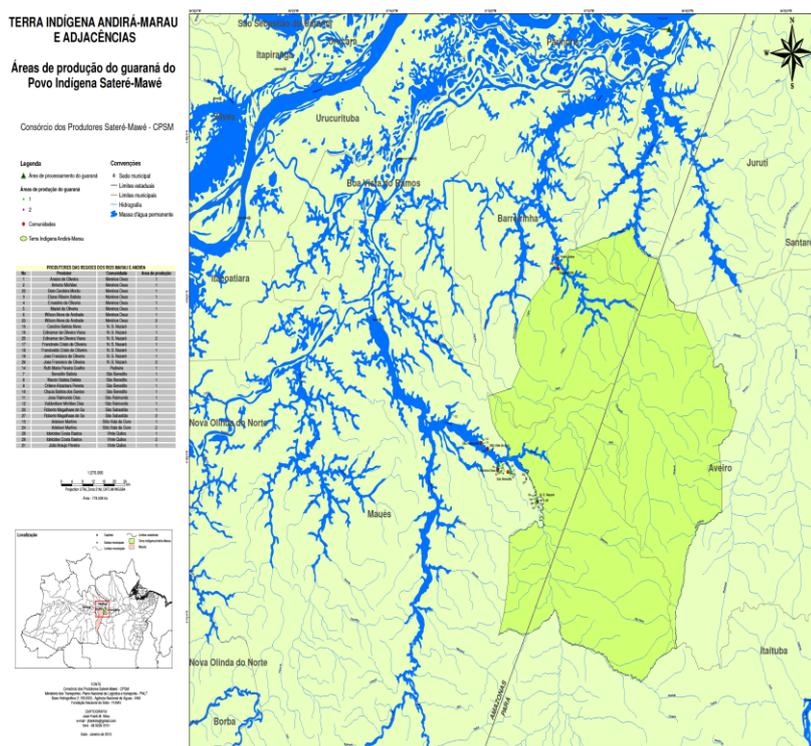


Figura 01: Mapa da T.I Andirá/Marau
Fonte: Arquivo CPSM

A Terra Indígena Andirá – Marau, 8 mil km² na divisa entre Amazonas e Pará, foi demarcada, com base nos artigos 231 e 232 da Constituição, para permitir aos Sateré-Mawé de viver em autonomia conforme sua organização social, costumes e tradições. (Fraboni,2006)

Artigo 231 da Constituição de 88 diz: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens."

Destaque-se, que o texto em vigor eleva também à categoria constitucional o próprio conceito de terras indígenas, que assim se define, no parágrafo 1 deste mesmo artigo:

"São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições."

A realidade brasileira demonstra que o que lhes resta é a difícil tarefa de fazer garantir, na prática, o respeito á esses direitos diante dos mais diversos interesses econômicos.

A demarcação foi vista pelos Sateré-Mawé e por outros povos como limitação para se viver, pois eles se sentem preso numa linha imaginária, questionando que as terras logo serão

habitadas e não haverá mais mata para plantar ou caçar ou até mesmo para morar, e assim se sentem oprimidos. Antes eles faziam roça num local e depois que o solo estava desgastado eles procuravam outro lugar para plantar, antes a caça era abundante nas matas próximas de suas aldeias, e hoje com o crescimento e habitação da população nessas terras as caças foram para bem longe. E com a demarcação eles não podem, mas usufruir dessas terras porque não são, mas suas.

O processo da demarcação e reservas indígenas são visto como atrasos ou empecilhos para a economia do país. Pois essas áreas demarcadas poderiam ser usadas para grandes plantios de soja, para mineração, implantação de usinas, extração de madeiras ou para outros fins lucrativos.

4.2 USOS DE TÉCNICAS

Os homens usam técnicas equivocadas para adquirir ou conseguir algo. Menciono a ação antrópica dos Sateré, ou seja, a utilização do timbó, mais propriamente o seu veneno, usado para a pesca. Essa técnica usada por muito tempo ocasionou o desaparecimento de várias espécies de peixes. Pois o seu veneno matava todo tipo de peixe, de todos os tamanhos, e com isso não havia reprodução das espécies, e conseqüentemente o resultado foi à escassez dessa fonte de alimento. Como relata um Sateré do rio Marau:

Antigamente, tinha muito peixe no rio Marau, mas o pessoal do antigo gostava de usar o timbó [veneno usado para pescar]. O timbó é plantado pelo índio sateré-mawé; tem dois tipos de timbó. O branco e o vermelho. O vermelho quase não mata o peixe porque é fraco. O timbó branco tem veneno forte; ele mata todo tipo de peixe. Hoje em dia, quase não existe a caça e a pesca dentro da área sateré-mawé. O uso excessivo do timbó matou muito peixe. Há um desaparecimento crescente [dos peixes], também pela queimado igapó quando está seco e das margens dos rios. Isso mata a comida do peixe e ele vai embora. (relato de um Sateré)

Esse relato mostra as principais modificações sofridas em seus modos alimentares, ocasionado por fatores de interferência antrópica no ciclo de reprodução dos peixes. A utilização do timbó enfraqueceu a reprodução das espécies e conseqüentemente ocasionou o desaparecimento de espécies de peixes. Essa técnica era usada pelos Sateré porque ao lamar os galhos do timbó no rio a toxina oriunda da planta matava rapidamente os peixes, então não precisava ficar horas fatiando. Mas eles observaram que cada vez os peixes sumiam, e hoje eles não, mas utilizam. Estudos mostraram que o veneno do timbó era maléfico para a reprodução

de espécies marinhas e que possivelmente essa técnica era responsável pela escassez e até mesmo o desaparecimento de certos peixes, e hoje o uso do timbó é proibido por lei.

E outra técnica é referente ao modo de se fazer a roça, para o cultivo da mandioca e posteriormente para a fabricação da farinha, o alimento mais tradicional e que prevalece com grande frequência na alimentação dos Sateré-Mawé, a roça era realizada através do “puxirum”, tradição que ainda prevalece nos dias de hoje na organização de trabalho dos Sateré. Tal técnica que é explicada por Vaz:

As roças, que também seguem a tradição indígena da queimada, plantação e tempo de pousio, são preparadas pelo sistema de ‘puxirum’ ou ‘ajuri’ (mutirão), quando o dono do serviço (geralmente derrubada da mata e plantação) convida os outros amigos para trabalhar na sua roça. Depois ele irá trabalhar nos ‘puxiruns’ das outras famílias para ‘pagar’ a ajuda recebida. Assim, através da troca de dias de serviço os moradores passam por quase todas as roças. Nas comunidades maiores esse costume tende a ser alterado. Surge o trabalho assalariado, algumas famílias preferem trabalhar isoladas e outras continuam com o ‘puxirum’ (VAZ, 2006, p.53).

Eram desmatado grande hectares de matas, e quando se cultivavam a mandioca o solo ficava desgastado e com isso eles procuram outras áreas para se fazer a roça. E com isso o resultado foi que os animais foram cada vez, mas para longe, além de que resultou em grandes desmatamentos. Nos dias de hoje para que se aproveite bem o solo e para que não haja tanto desmatamento, a roça é cultivada juntamente com outros tipos de plantas e árvores frutíferas, que ajudam na alimentação e na economia da família. Estudos mostravam que só o cultivo da mandioca deixava o solo desgastado e o cultivo com outras plantas os solos enriqueciam e ficavam resistentes, e com essa preocupação foi mudada a maneira de se fazer roça dos Sateré-Mawé.

4.3 O TABU RELIGIOSO

Os povos indígenas são caracteristicamente diferenciados pelos seus costumes, ritos, hábitos alimentares, lendas, mitos e seus credos. Ou seja, difere-se pelo seu âmbito cultural, e cada cultura tem seu valor, nenhuma cultura é superior ou inferior a qualquer outra. Mas o que e vistos nos dias atuais é desvalorização e desrespeito com certas manifestações culturais.

A religião desde primórdios é considerada um dos principais responsáveis pela perda de identidade, impondo aos indígenas outros modos de vida. De acordo com os princípios de certas denominações religiosas, são proibidas algumas manifestações culturais, fazendo certos

juílgamentos, e colocando para certos atos culturais a atuação do pecado. Como é o caso dos pajés, relatado por um professor Mawé:

“Há uma crescente desvalorização dos tratamentos e curas tradicionais. Muitos não valorizam o pajé; são os não índios, os católicos e protestantes e alguns sateré-mawé que acham que o pajé é o demônio. Os protestantes não aceitam de jeito nenhum. Isso desvaloriza o trabalho do pajé, do bezendor, e do pegador de ossos. Quando o pajé não conseguiu curar, é porque é coisa de médico. Hoje, são pouquíssimos os pajés que existem. Antigamente, os próprios sateré-mawé mataram vários pajés, porque eles foram acusados de mandar matar pessoas. Não existem pessoas lutando para recuperar o uso dos remédios caseiros.” (Professor indígena do Rio Marau)

E não é diferente em relação aos modos alimentares. Na comunidade Nova União, como são pertencente á religião adventista, são proibidas o consumo de certas carnes de caça como o tatu, o jabuti, o porco espinho, e peixes com textura lisa, e o consumo do café. Vale ressaltar que nem todos de acordo com as entrevistas aderiram tais regras, pois mencionados por eles, muitas das vezes são os únicos alimentos que se tem na aldeia, e não vão passar fome.

As manifestações culturais são por lei protegidas. A Constituição Federal de 1988; em seu parágrafo diz que: *O Estado deve proteger as manifestações das culturas populares, inclusive indígenas (art.215, § 1);*

4.4 O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Com relação à educação dos Sateré-Mawé, um dos problemas é o material didático proposto para os alunos, pois os livros didáticos não contextualizam com a realidade da etnia Sateré-Mawé. Padre Herinque Uggé menciona:

Houve dificuldades na alfabetização feita só na língua portuguesa e com material vindo de fora, também para outras matérias escolares. A necessidade de alfabetizar as crianças indígenas na própria língua, a valorização da cultura indígena e a possibilidade de facilitar a aprendizagem na chamada educação bilíngüe (Uggé, 1986, p.5).

As dificuldades repercutem também nos hábitos alimentares das crianças, pois a educação que os indígenas recebem são as mesmas que existe na cidade. A merenda escolar da comunidade em vez de valorizar a gastronomia Sateré, oferecendo para as crianças como merenda as frutas oriundas das terras indígenas, ou mingau de crueira, de tapioca, de cará, ou

macaxeira, batata doce com chá, o que é dado são bolacha, pão, e sucos industrializados e enlatados como conserva e sardinha. É isso refleti muito nas alterações de modos alimentares dos Sateré.

Mas existem várias formas de educar, como ressalta o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor não é o seu único praticante”. (BRANDÃO, 1983, p.9)

A respeito da valorização da gastronomia Sateré-Mawé, ou a preservação dos conhecimentos tradicionais, a melhor escola é a convivência familiar e as experiências passadas pelos mais velhos aos mais novos, pois são conhecimentos da própria realidade de vida que é vivenciado á muito tempos pelos antepassados. E a educação dos brancos inserida nos modos de vidas indígenas só traz grandes impactos negativos, como a perda da língua, dos modos alimentares e dos costumes e ritos. Ao analisar a educação hoje posta para os Sateré-Mawé, um professor Sateré da comunidade Nova União em uma conversa informal compara a Educação como uma erva de passarinho, que aos poucos ela vai matador uma a árvore, assim é a educação aos poucos ela vai matando a cultura de uma etnia.

5. CONSUMO ALIMENTAR DA COMUNIDADE NOVA UNIÃO

A população estudada foi composta por 2 mulheres e 7 homens da comunidade Nova União do Rio Andirá no município de Barreirinha com idade entre 26 e 94 anos. Com enfoque para alimentação e cultura.

Na entrevista realizada quando se perguntou sobre o os alimentos típicos e quais eram consumidos nos dias de hoje, as respostas foram idênticas. Tabela 01 mostra os alimentos tradicionais dos Sateré-Mawé.

ALIMENTO	FRUTA	CAÇA	PEIXE	BEBIDA
Farinha, tucupi, tacacá, chibé ou pirão, goma de tapioca, tapioca assada, beiju de tapioca, beiju	Laranja, caju, manga, banana, abacaxi, abacate, biriba, bacaba, açai, tucumã, pupunha, ingá, umirim, guaraná.	Cutia, tatu, macaco, veado, jabuti, paca, anta, queixada, catitu, aves como; inambu, jacamim,	Traíra, tucunaré, peixe cachorro, barrigudo, pacú, piranha preta,	tarubá e waranahy ou suco do guaraná (bebida sagrada).

d'água, mingau de tapioca, mingau cará, mingau de crueira, macaxeira, batata doce, cará, lavas ou bicho de côco, formigas como saúva, tapecuim ou soldadinho.		papagaio, tucano, pombo, arara,	jacundá, cará e os "peixinhos"	
---	--	---------------------------------	--------------------------------	--

Tabela 01: Alimentos Tradicionais dos Sateré-Mawé
Fonte: Vieira, 2015.

Destaca-se, portanto a mandioca, que mesmo com as incorporações de outros hábitos alimentares, ela continua sendo à base de alimentação dos Sateré, e é produzido na própria aldeia. Na figura 02 mostra a preparação da farinha para o consumo e para a economia da família.



Figura 02: Preparação da Farinha
Foto: Vieira, 2015.

Existe grande quantidade de palmeiras como o açaí, tucumã, pupunha e bacaba, que sazonalmente comparecem na dieta alimentar.

Apesar da escassez da caça e da pesca, ainda consomem esses alimentos, porém não mais em grande quantidade como antigamente. Em relação ao pescado quando está muito escasso na região são comprados no município de Parintins. **(Figura 03)** O peixe preferidos pelos moradores da comunidade Nova União a traíra.



Figura 03: Peixes Típicos da Região
Foto: Vieira, 2015.

O consumo do peixe trás grandes benefícios para a saúde como Pardo-Carrasco destaca; Os ácidos graxos ômega-3 têm grande importância para a nutrição humana e a presença desses

nutrientes em peixes beneficia o homem, por tornar o peixe um alimento funcional na prevenção de certas doenças. (PARDO-CARRASCO et al, 2002)

Observou-se que em poucas casas existiam as hortas, pois as hortaliças e verduras não fazem parte de seus costumes alimentares. Em sua maioria a caldeirada de peixe é composta por sal, água, cebola e alho. Ou muitas das vezes o peixe é moqueado como mostra a figura 04.



Figura 04: Preparação do peixe, o moqueado
Foto: Vieira, 2015.

O que, mas chamou atenção foram às informações do entrevistado mais idoso de 94 anos, pois sua alimentação é a base de produtos industrializados e alguma vez ou outra ele come frutas. Ele afirmou que não lembrava como se preparava as comidas de sua infância e adolescência.

Dos 9 entrevistados apenas dois conseguiram responder a seguinte pergunta: Quais são os alimentos que antes era consumido e que hoje não se consome mas, e como eram preparados? Com base nas respostas, os alimentos são os seguintes como mostra a tabela 02:

COMIDA	MODO DE PREPARO
Cupim	Apenas cozido com sal.
Cogumelo	Cozido dentro de uma folha de cupu ou de uma palmeira.

Barriga de veado	Era assado de acordo com uma técnica específica, temperado apenas com sal.
Mingau de tapioca com vinho de bacaba	A água deve ferver e após acrescenta a farinha tapioca, mexe por alguns minutos até ficar grosso e depois é tomado com vinho de bacaba.
Sáúva	Elas são fritadas e depois piladas com sal, e comem com o chibé.
Wa'ã Moig	Refere-se à folha de maniva; elas são cozidas, depois piladas com sal e castanha do Brasil.

Tabela 02: Comidas Típicas que não são mais consumidas

Fonte: Vieira, 2015

Estes são os alimentos que foram transformados em comidas e que hoje não são mais consumidos ou não mais preparados como antes. Alimento se difere de comida, pois; “Para que o alimento se torne comida ele deve sofrer um processo de transformação qualitativa. É na cozinha que o alimento (natureza) se transforma em comida (cultura)”. Woortmann (2006, p.58)

Com relação à pergunta sobre o que poderia ser feito para que alguns alimentos tradicionais voltassem a ser consumidos na alimentação, muitos não souberam como responder. O que demonstra certa preocupação, pois é necessária uma reflexão sobre o resgate dos costumes alimentares tradicionais desse povo.

Referente ao consumo de alimentos industrializados, o que aconteceu na realidade foi alterações nos modos alimentares dessa população, pois os alimentos industriais estão em grande parte na mesa do Sateré. Observou-se que principalmente as crianças querem comer o que elas assistem na televisão ou o que o que as outras crianças comem quando venham na cidade.

Produtos industrializados mais consumidos	Açúcar, nescau, bolacha, pão, rosca, leite, aveia, manteiga.
	Frango congelado, ovo, sardinha, conserva, miojo, arroz, feijão, macarrão, óleo, sal.
	Militos, bolacha recheada, bombons, refrigerante.

Tabela 03: Produtos industrializados.

Fonte: Vieira, 2015.

Na primeira refeição do dia é comum ter no cardápio a presença de bolacha, de pão, rosca, manteiga, leite, nescau e alguns momentos às vezes raros tem um mingau ou uma tapiquinha (**figura 05**). Não se toma café devido à religião que a adventista, que segundo os relatos eles não tomam café porque possui uma substância que trás malefício para a saúde. Já no almoço é mais comum o peixe, a “caldeirada”, quando não se está em escassez na região o pescado, mas quando não se tem o peixe é freqüente na mesa do Sateré o frango, ovo, conserva e sardinha, comprado tudo na cidade.



Figura 05: Primeira Refeição

Foto: Vieira, 2015.

Como não se tem comércios no local, os produtos são comprados nos municípios de Barreirinha e Parintins. Essas viagens acontecem uma vez por mês, decorrente ao pagamento de aposentadoria ou o benefício da bolsa família, e ao pagamento de salários. Quando terminam esses produtos a alimentação é voltada para os alimentos típicos, mas isso é a segunda opção de alimentação não, mas a principal.

Ao se perceber esses dados nota-se a preocupação na questão da saúde, pois sabemos que o consumo de alimentos industrializados ocasiona inúmeras doenças, e isso repercute em uma péssima qualidade de vida. Além, de que esse fato faz com ocorra uma desvalorização da culinária regional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesse trabalho apontam que, na comunidade onde foi realizada a pesquisa a comunidade Nova União, reflete o que acontece em grande parte das comunidades do rio Andirá, o alto consumo de alimentos industrializados. Identificou-se a diminuição no consumo de alimentos típicos dos Sateré-Mawé, em frente aos produtos industriais, se tornando estes a primeira opção no consumo alimentar. Observou-se que o grupo que mais consomem os alimentos industrializados são os que possuem algum tipo de benefícios sociais como: aposentadoria e bolsa família. Hoje eles não têm mais aquela preocupação em plantar ou caçar porque esses benefícios facilitam a compra de seus alimentos.

O (CPSM) Consórcio dos Produtores Sateré-Mawé, é uma entidade autônoma do Conselho Geral da Tribo Geral Sateré-Mawé, (CGTSM), que é responsável pela economia do povo Sateré-Mawé, através dessa organização os produtores cadastrados são orientados em fazer roças consorciadas com outras árvores frutíferas para o próprio consumo e economia da família. Pois os responsáveis dessa associação que são Mawé têm a preocupação e a responsabilidade com a qualidade de vida de seu povo.

Tais transformações no *habitus* alimentar são recorrentes a longos processos históricos que os Sateré-Mawé sofreram, destacando a demarcação e diminuição de suas terras e na modificação de suas próprias técnicas. A demarcação proporcionou o direito dos índios sobre a terra, mas é difícil cumprir essas leis em frente a interesses econômicos, pois a demarcação e os índios são atrasos para o PIB e para a economia do país. Esse processo na verdade tornou a vida dos indígenas mais difíceis, pois para eles o governo quer controlar os seus modos de vida, limitando seu território, limitando a sua maneira de viver.

Enfim a alimentação Sateré-Mawé, sofreu grandes alterações, onde a religião, e a educação estão contribuindo nos dias de hoje em grandes proporções para a desvalorização da gastronomia tradicional Sateré-Mawé. Pois a religião é formada em seus próprios princípios e regras e cabe a quem seguir - lá a adaptar-se e obedecer a suas normas. A educação integracionista do governo não tem o compromisso com as diversas culturas indígenas. Primeiramente porque a educação proposta nas comunidades indígenas do rio Andirá não

prioriza a língua materna colocando-a como segunda língua em vez de ser a primeira, e os materiais didáticos não contextualizam a realidade e não valorizam a cultura Sateré-Mawé. Hoje os Sateré querem ter seu próprio governo, sua própria saúde, sua própria educação.

Conclui-se que apesar de existe políticas e programas que vise à valorização e importância da cultura Sateré-Mawé, de acordo com análises dos dados obtidos durante a pesquisa o que falta realmente é o próprio compromisso dos Sateré-Mawé no regaste da gastronomia cultural, em que eles possam pensar/refletir sobre o que eles como protagonistas estão fazendo para reafirmação identitária e valorização da gastronomia e dos conhecimentos tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel Omar. **Amazônia Cidadã: Previdência social entre as populações tradicionais da região norte do Brasil** / Gabriel Omar Alvarez; fotografia de: Nicolas Reynard. – Brasília: MPAS, 2002.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade** / Cristina Costa. 2 ed. – São Paulo: Moderna, 1997.

FRABONI, Maurizio. **II santuário ecológico e cultural del guaraná del Popolo Sateré-Mawé**. Roma: IILA. Quaderni IILA 1999, PP. 23 – 35.

GOMES, Jocilene. **Organização político-cultural e interculturalidade na gestão dos territórios indígenas para o bem viver no rio Negro-AM** / Jocilene Gomes da Cruz. 2015.

LEITE, Maurício Soares. **Transformação e Persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica**. / Maurício Soares Leite. – Rio de Janeiro : Editora Fiocrz, 2007.

LORENZ, Sônia da Silva, **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista. 1992.

PEREIRA, Nunes. **Os índios Maués**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

Portal dos filhos do Waraná. Disponível em:

<<<http://www.nusoken.com/home/certificacoes>>> Acesso em Agosto de 2015.

Publicado em: <<<http://www.nusoken.com/livre-academia-do-wara>>>. Acesso em 27 jun. 2014.

PROFORMAR. **Educação Ambiental**. - Universidade do Estado do Amazonas. - Coordenador: Elizabeth da Conceição Santos, - Manaus: Edições, 2007.

PROFORMAR. **História e Geografia** - Universidade do Estado do Amazonas. /Coordenador: Hideraldo Lima da Costa. – Manaus: UEA Edições, 2007.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil – Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

SILVA, M. G. S. **Dieta Alimentar de mulheres grávidas e paridas em áreas ribeirinhas da Amazônia. Gênero, Cultura e Desenvolvimento: Um debate na Amazônia**. Florianópolis 2008, ST 49.

UGGÉ, Herinque **1ª cartilha Sateré-Mawé**. Manaus, SEDUC/NRT, 1986.

VAZ, Florêncio Almeida. **Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e Magia na Floresta**. Cultura Vozes. n.º 2 março-abril, 1996.